This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

Port. 6370.84.290

HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

PAÇO DE VEIROS

Peça em tres actos, representada pela primeira vez no theatro D. Amelia, em 28 de fevereiro de 1903

LIVRARIA E PAPELARIA PORTUGUEZA
— DE —
FERREIRA & FRANCO, L.DA
154, RUA DA MADALENA, 156
LISBOA

Theatro de Julio Dantas

O que morreu d'amor (1899) — Edição esgotada.
Viriato Tragico (1900).
A Sevéra (1901).
Crucificados (1902).
A Ceia dos Cardeaes (1902) — 6.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 2.ª edição.
Paço de Veiros (1903).

JULIO DANTAS

PAÇO DE VEIROS

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6

1903

Port 3720.59.290

Reservados os direitos de reproducção no Brasil conforme preceitua a Lei 496 de 1 de agosto de 1898.

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY
AUG 6 1974

Porto — Imp. Portugueza — Rua Formosa, 112

FIGURAS

DOM DIOGO DE VEIROS	*Eduardo Brazão.*
DOM ARCEBISPO DE EVORA . . .	*Augusto Rosa.*
CHRISTOVAM	*João Rosa.*
DOM MIGUEL DE SOUSA	*Carlos d'Oliveira.*
DÔRES	*Rosa Damasceno.*
CONDADA	*Amélia O'Sullivand.*

No Paço dos senhores de Veiros. Arredores de Evora.
Actualidade.

PRIMEIRO ACTO

Sala, n'uns velhos Paços do principio do século XVIII. — Tectos apainelados. — Silhares de azulejo, altos, cheios de figuras. — O résto da parede, recoberta de sêda carmezim. — Arcas. — Ao meio da scena, um grande tocheiro de ferro, da altura de um homem. — Buféte largo; escânos; cadeiras de róca. — A um canto, uma enorme estante de côro, de talha escura, trazida d'algum mosteiro velho. — Por toda a parte, livros, moedas, códices, documentos dos Tombos da familia. — Porta ao fundo, dando para um jardim. — Dia de sol.

DOM DIOGO, *vestido d'uma quinzena de velludo negro, entre moedas velhas e velhos documentos, embevecido.* DÔRES, *escrevendo, junto da mesa. — Ouve-se um orgão, fóra.*

DOM DIOGO, *com uma pequenina moeda d'oiro entre os dedos, ditando á filha*

Morabitino aureo, ou soldo d'oiro. De vinte e quatro quilates. Escreve. — Pésa setenta e seis grãos.

DÔRES, *escrevendo*

Setenta e seis grãos.

DOM DIOGO

Deixa-me vêr o latim, se está bem .. *(lendo o papel que a filha lhe dá)* — *Sancius Rex Portugalis... In nomine patris et filii... (dando-lhe o papel, novamente)*. Bom. — A Historia Genealogica?

DÔRES, *apontando a estante*

Ali, meu pae.

DOM DIOGO, *separando moédas e alinhando códices*

Velharias, velharias! — Ri-se á socapa, o Arcebispo. Nem elle sabe do que ri. Falta-lhe alma, para entender estas coisas. *(Para Dôres, que se levanta e se aproxima da estante)* Abre em folhas cento e desesete. — Velharias! É que elle não percebeu ainda que a verdadeira vida está nas coisas mortas. Vê, onde diz — morabitinos d'oiro de Dom Sancho... *(De repente, n'um grito selvagem, chamando)* Condada! Condada!

DÔRES, *indo chamar*

Condada!

CONDADA, *assomando*

Meu senhor.

DOM DIOGO

Dize ao Christovam que não toque. Estou a trabalhar. Faz-me mal á cabeça. *(De novo á filha, tranquillo, emquanto a Condada sae)* Vê... Paginas cento e desesete...—Sempre o orgão! Sempre o orgão!

DÔRES, *folheando o livro*

Coitado... Em que se ha de elle entreter?

DOM DIOGO

Leia, trabalhe!

DÔRES

Se elle é cégo, meu pae...

DOM DIOGO, *cahindo em si*

É verdade.—Porque será que eu nunca me lembro de que o Christovam cegou?

CHRISTOVAM, *assomando ao fundo, seguido da Condada, que o encaminha*

O senhor Dom Diogo, Condada?

DOM DIOGO, *indo ao encontro do cégo*

Aqui. Estou aqui, Christovam. Tem paciencia. Fazia-me mal á cabèça.

CHRISTOVAM

Perdôe-me.

DOM DIOGO

Senta-te. — Dá-lhe uma cadeira, Condada.

CHRISTOVAM, *á Condada, que o ajuda a assentar-se*

Obrigado. *(a Dom Diogo)* Não sabia que estava trabalhando. Julguei-o no jardim, não sei porquê. — O senhor Arcebispo ainda não veio?

DOM DIOGO

Não déve tardar. — Ainda estou com as moedas que viéram de Leiria. Catalogando, pondo tudo em ordem. A Dôres tem-me ajudado.

CHRISTOVAM, *dolorosamente*

Se eu podésse...

DOM DIOGO

Sabes quem me faz falta? E o Dom Miguel. D'antes, vinha quasi todas as noites. Agora,

até lhe vou extranhando a ausencia. *(Para a filha)* Estará elle zangado?

DÔRES, *um pouco embaraçada, folheando nervosamente o livro*

Não sei porquê, meu pae.

CHRISTOVAM, *levantando-se*

A Dôres estava ahi? Perdôe. *(apertando a mão de Dôres, que vae ao seu encontro)* É que eu não vejo.

DÔRES

Já nos tinhamos falado, hoje...

DOM DIOGO

Gosto d'aquelle rapaz. Excellente caracter. Amigo das coisas vélhas. É dos meus. E depois, sabe o seu bocado de numismatica. Bastante erudito. Rapazes d'aquelles, vão rareando. — Ha quantos dias não vem elle cá? Lembraste, Dôres?

DÔRES, *que finge olhar as paginas do livro, mas repara na conversa*

Ha oito dias, meu pae.

DOM DIOGO

Já perguntei por elle ao Arcebispo, mas não ha quem o veja. *(a Dôres)* Então, encontraste?

DÔRES, *lendo*

Morabitinos d'oiro d'El Rei D. Sancho...

DOM DIOGO, *curvando-se sobre a estante*

Isso mesmo. Deixa vêr.

DÔRES, *encaminhando-se para junto de Christovam, emquanto Dom Diogo lê*

Ainda não lhe perguntei se estava melhor, Christovam.

CHRISTOVAM, *dolorosamente*

Melhor... Sim... Melhor. Apenas cégo. Saudades do sol. Saudades de mim mesmo. Saudades de tudo. Ainda se eu podésse lêr, distrahir o espirito... Mas não. Nem sei para que me servem os olhos. Para chorar... Só se fôr para chorar.

DÔRES, *pondo a almofada da renda de bilros sobre um tamborête*

Deus lhe dê resignação.

CHRISTOVAM

Ser cégo é o menos. Ser inutil é que me custa muito. Sabe, Dôres? Ás vezes penso que os cégos não teem o direito de viver...

DOM DIOGO, *interrompendo a leitura*

Não digas isso, Christovam! Não digas isso! Basta um pensamento grande para encher uma vida!

CHRISTOVAM

Ah, senhor Dom Diogo... Eu chego a ter medo do meu proprio pensamento!

DÔRES

Mas, Christovam... E que lhe disse o medico, em Lisboa?

CHRISTOVAM

Disse-me que eu estava soffrendo por conta dos peccados de meu pae.

DÔRES

De seu pae? Então é justo que os filhos soffram pelos peccados dos paes?

DOM DIOGO, *arrastando a filha para um canto, o olhar desvairado, as mãos trémulas*

É. É justo. Nem mais uma palavra sobre isso! É justo!

CHRISTOVAM

É a vontade de Deus.

CONDADA, *assomando á porta*

Vem ahi a sége do senhor Arcebispo.

DOM DIOGO

Ah! — O Dom Arcebispo, naturalmente, entra pelo jardim. — Manda abrir o portão, Condada. *(para Dôres)* Eu vou recebel-o. *(Saé pelo fundo).*

DÔRES

Teria sido um crime, o que eu disse?

CHRISTOVAM

Não. Mas desagradou a seu pae.

DÔRES

É sempre assim... Não posso falar... Quasi que não posso pensar. — E porquê? Porque é meu pae assim para mim? Que mal lhe faço eu? Vivo com elle desde que nasci, ha mais de trinta annos... E ainda não o comprehendo. Não diz uma palavra que não seja repassada de mysterio. Ás vezes, de repente, olha-me com uma expressão de rancor, que géla... Outras vezes, molha-me as mãos de lagrimas, cobre-me de beijos, chora-me nos braços... E eu fico a olhal-o, espantada, sem saber que mal lhe fiz, sem saber porque elle soffre, sem saber de que dôr o hei de consolar...

CHRISTOVAM

Console-o da dôr de viver, que é a de toda a humanidade. E não errará.

CONDADA, *entrando*

Minha menina...

CHRISTOVAM

O senhor Arcebispo, Condada?

CONDADA

No jardim, a vêr os craveiros. Venho buscar o chapéu do senhor Dom Diogo.

DÔRES

Vae... Anda. *(Continuando, ao Christovam)* Porque a verdade é que eu não mereço isto de meu pae. Sacrifiquei a minha mocidade a acompanhal-o... Envelheci... Creia, Christovam... Envelheci, a vêl-o envelhecer... E eu tinha direito de viver e de ser feliz como as outras... Tinha esse direiro... e resignei-o.

CONDADA, *sahindo, pelo fundo, e levando o chapéu*

A cabeça ao sol... Depois, se lhe faz mal...

CHRISTOVAM

Resignou-o? — Mas não está disposta, Dôres, a sacrificar-se por muito tempo...

DÔRES, *estremecendo*

Porque diz isso?

CHRISTOVAM

Estes Paços antigos não a envelheceram tanto, que a sua alma se não tivésse podido abrir ao amor da terra...

DÔRES

O que quér dizer, Christovam?

CHRISTOVAM

Perdôe. Mas não é por mal que lh'o digo. Basta que eu soffra para saber respeitar o soffrimento dos outros. Sou padre. Temos vivido como irmãos. A um irmão e a um padre, que direitos se négam?

DÔRES

Mas o Christovam, tudo quanto conhéce da minha vida é um sacrificio constante a meu pae... Nada mais sabe... Nada mais póde saber.

CHRISTOVAM

Sei. Oiça, Dôres. — A janella do meu quarto deita para o muro. N'esse muro, sobre a estrada, ha um mirante de rótulas verdes. Eu conheço-o bem. Era onde passava as tardes, antes de cegar, vendo o sol. — Hontem, altas horas da noite, ainda não tinha adormecido. Não podia. Um mundo de coisas a referver-me na cabeça... A minha cegueira... A idéa de que vivo á esmola de seu pae...

DÔRES, *n'um protesto piedoso*

Oh! Christovam...

CHRISTOVAM

Sim, á esmola... De que sou uma bocca inutil, um invalido, uma sombra... De que cheguei á morte sem ter vivido .. Toda esta amargura me subia á garganta, n'um soluço... Quiz chorar. Não pude. Revolvia-me no leito, crispava os dedos na minha carne, emquanto lá fóra, lentamente, n'um sino triste, iam batendo as horas... Eu sentia... Sentia que do fundo de todo o meu ser ia surgir um grito da revolta... Revolta contra a natureza, revolta contra meu pae, revolta contra Deus... Mas de repente, em baixo, as rótulas do mirante abriram-se, e no silencio da noite, tão distinctamente como se fosse aos meus ouvidos, uma voz dôce, uma voz angélica chamou: Miguel! Miguel!

DÔRES, *erguendo-se*

Ah! Ouviu? Ouviu, Christovam?

CHRISTOVAM

Dom Miguel pouco falava. Era a sua voz só que eu ouvia, Dôres... Palavras d'amor, d'uma tão sagrada pureza, de tanta uncção, que eu fiquei immovel, n'um extase, as fontes latejando, e a sua figura branca appareceu á minha cegueira, cercada d'oiro como n'um resplendor...

Tinha sonhado muita vez ouvir d'uma bocca de mulher palavras assim... Ergui-me, aproximei-me da janella, e tremendo, com as lagrimas a cahirem-me pela cara, ouvi... ouvi longamente, commovidamente, como se essas palavras d'amor fossem para mim... Para mim só... *(tacteando e tomando-lhe as mãos)* Obrigado, Dôres... Obrigado...

ARCEBISPO, *seguido de Dom Diogo, entrando, muito alégre, com uma braçada de cravos*

Dôres! Dôres! Olha que quantidade de cravos já abertos .. Vê!

DÔRES, *beijando-lhe o annél*

Dom Arcebispo...

ARCEBISPO, *ao cégo, que lhe toma a mão, tacteando, e a beija*

Christovam... Vejam como são lindos! Grandes, como os melhores de Sevilha! *(a Dom Diogo)* Para que queria você os canteiros, homem, se não lhe punha flôres?

DOM DIOGO

Para que os queria? Ora essa! Porque teem uns riquissimos azulejos!

ARCEBISPO

Mas nem uma flôr! Foi preciso que eu viésse cavar a terra, semear, para haver cravos n'esta casa! *(mettendo-lhe os cravos debaixo dos olhos)* Mas realmente, homem... Você não acha isto bonito?

DOM DIOGO, *bisonho, folheando papéis*

Prefiro os azulejos.

ARCEBISPO

Pudéra! Sempre a ruminar nas coisas mortas! Pois a belleza é isto! A vida é isto! Deus é isto! Que linda côr, Christovam... Vê! *(reparando em que fala a um cégo)* Ah! — Tambem, o que tem melhor é o cheiro...

DÔRES, *piedosamente, dando um ramo de cravos a cheirar ao Christovam*

Cheiram bem, não cheiram?

CHRISTOVAM, *dolorosamente*

Gostava mais de os vêr.

ARCEBISPO, *falando para Dom Diogo, que se conserva de costas, junto á estante*

Mal empregado tempo! Porque afinal, estou a semeal-os no seu jardim e podia-os semear no

meu. *(Vendo-o sentar-se, triste)* Amuou. — Pois olhe que lhe hei de abrir os olhos para as coisas bellas! É uma obra de caridade. *(aproximando-se de Dom Diogo)* Tome lá um cravinho.

DOM DIOGO

Agradecido.

ARCEBISPO

Fique sabendo que não lhe ia nada mal, na quinzena de velludo. Você em moço era um bonito rapaz. Mas agora, com essa mania das moedas, até parece que anda alcachinado.

DOM DIOGO, *impertigando-se*

Não é das moedas. É da idade.

ARCEBISPO

A apostar que já massou hoje a pequena, com as suas numismaticas? Não é verdade, Dôres? *(a um sorriso de Dôres)* Ora! Eu não disse. Aquellas lindas mãos a enxovalharem-se em cobre desenterrado, em reaes de prata, em barbudas de Dom Fernando, n'essas coisas barbaras de que o senhor sabe o nome melhor do que eu, e que devia mandar derreter em vintens e tostões

para dar aos pobres, se fosse uma alma bem formada!

DOM DIOGO

Oh! Arcebispo!

ARCEBISPO

Sim senhor! Se fosse uma alma bem formada! É isto que lhe digo!

DOM DIOGO

Não me tente, homem... Não me tente, que eu não estou hoje de bom humor.

ARCEBISPO, *pondo-lhe um cravo ao peito*

Tome lá sempre o cravinho.—Vê? Vê, como lhe fica bem?

DOM DIOGO

Ora que você me estrague os canteiros com os cravos, vá... Mas que faça pouco de mim, Arcebispo!

ARCEBISPO

Não é verdade que fica bonito, Dôres? *(arrastando Dom Diogo para um escâno, e obrigan-*

do-o a sentar-se junto d'elle) Ora venha cá. Sente-se aqui. Quero conversar muito comsigo, por causa d'um protegido meu, um pobre rapaz...

DOM DIOGO

Hum! É sempre assim! Quer que o ouça sobre o seu protegido, e não teve ainda duas palavras para me dizer do meu!

ARCEBISPO, *recordando-se*

Ah! Tem razão... — O Christovam! — Pois se você arrelia-me com os azulejos, logo que eu entro! Esqueci-me. — *(ao Christovam)* Parabens, Christovam...

CRISTOVAM, *erguendo-se, na sombra*

Senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Falei ao chantre. Ficas organista na Sé. *(abraçando-o)* Dá cá um abraço.

CHRISTOVAM, *beijando o annél do Arcebispo, n'uma grande alegria*

Oh! Senhor Arcebispo... Senhor Dom Diogo... — Já não sou um inutil! — Dôres... Vou dizer tambem á Condada...

DÔRES, *guiando-o*

Eu vou comsigo, Christovam...

DOM DIOGO, *commovido, abraçando o Arcebispo*

Deus lhe pague.

ARCEBISPO, *fazendo-lhe festas na cara, como a uma creança*

Velhinho! Velhinho!

Dôres e Christovam sahem pela direita.

DOM DIOGO

Foi uma alegria para o cégo.

ARCEBISPO

Coitado! — Pois tambem eu gostava de fazer a felicidade d'outro pobre rapaz... Um pequeno de dezoito annos, cheio de talento.

DOM DIOGO

Seminarista?

ARCEBISPO

Pintor.

DOM DIOGO, *com certo desdem*

Ah... Pintor.

ARCEBISPO

Acabou o curso da Academia. Tem o desvairamento da pintura sacra. Queria mandal-o a Roma, vêr museus, coisas, estudar. Mas para isso é precisa uma pensão. Ora eu já dou tanta esmola a tanta gente, que não posso talvez sósinho custear todas as despezas. Você dava metade, eu dava outra metade, e o rapaz ia a Roma.

DOM DIOGO

Oh, Arcebispo! Com o maior prazer. O rapaz fica por minha conta. Dou-lhe eu a pensão inteira...

ARCEBISPO, *apertando-lhe a mão*

Obrigado. Apenas metade.

DOM DIOGO

É elle honesto, não é assim? Nem o Arcebispo se interessava tanto, se elle o não fosse.

ARCEBISPO

Honesto, trabalhador e muito desgraçado. A mãe abandonou-o em pequeno. O pae morreu ha dias, no Porto, na cadeia da Relação.

DOM DIOGO, *erguendo-se*

Na cadeia?

ARCEBISPO

Sim... Uns roubos... Umas coisas... Desgraças.

DOM DIOGO

O filho d'um ladrão! Então o Arcebispo vem pedir-me pelo filho d'um ladrão?

ARCEBISPO

Mas se é um rapaz digno!

DOM DIOGO

Digno? O pae roubou... Elle ha de roubar como o pae! Não, não, Arcebispo! O dito por não dito. Não conte commigo para proteger ladrões!

ARCEBISPO

Mas não se trata do pae... Trata-se do filho!

DOM DIOGO

Antes deitar o dinheiro á rua! Ladrões, não... Não conte commigo.

ARCEBISPO, *com magua*

Bem. Não contarei. Mas repare que está sendo injusto. Vae prejudicar o futuro d'uma creança. Não irá, porque eu pago a pensão inteira. Mas olhe que um juizo d'essa ordem é uma crueldade. Conhéce-o? Póde negar que elle seja um rapaz digno? Que sabe da vida d'elle? De que roubos o accusa?

DOM DIOGO

Se não roubou, roubará. A não ser que consiga estrangular o pae dentro de si mesmo!

ARCEBISPO, *erguendo-se*

Mas com que direito faz o senhor uma affirmação d'essas?

DOM DIOGO, *violento*

Com que direito? *(cahindo sobre a cadeira, a cabeça apertada nas mãos)* Oh, não! Não! Não prosigamos, Arcebispo! Vamos cahir n'um problema que não discutimos ha trinta annos! E Deus me livre... Deus me livre, entendeu? Deus me livre de dizer agora uma palavra só, que recorde o passado... Bem sabe! Bem sabe, Arcebispo! Toda a historia d'estes Paços, d'esta familia... Estremecemos de horror nos braços

e dobrando o habito

Nada, nada, Dom Arcebispo.. A Condada que acabou de limpar o habito. Tinha muita traça.

ARCEBISPO

Ah! É o habito do tio Dom Frei... Como está velhinho! *(beijando-o)* Já dois séculos, não é? *(reparando ainda na perturbação de Dôres)* Mas que tens tu, Dôres?

DÔRES, *disfarçando*

Muito velhinho... Veja, Dom Arcebispo... Aqui á luz... O que a traça lhe tem feito! Parece uma renda...

DOM MIGUEL, *entrando, pelo fundo*

Oh, senhor Arcebispo... Que felicidade encontral-o aqui!

ARCEBISPO, *voltando-se*

Viva! Como tu vens bonito!

DOM MIGUEL, *cumprimentando Dôres*

Minha senhora... *(Beijando o annel do Arcebispo)* Venho agora dos seus Paços, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO

Querias falar-me?

DOM MIGUEL, *commovido*

Muito.

ARCEBISPO, *retendo-lhe a mão*

Tens a mão trémula, rapaz... Que é isso?

DOM MIGUEL, *ao Arcebispo, olhando Dôres*

Queria falar-lhe muito...

ARCEBISPO, *seguindo o olhar de Dom Miguel e reparando na perturbação crescente de Dôres*

Mas eu extranho-te... Eu extranho-os a ambos! *(de repente, comprehendendo)* Dôres! — Ai, que eu nunca tinha pensado...! *(abraçando a pequena, com tristeza)* Minha pobre Dôres!

DÔRES, *com as lagrimas nos olhos, ao Arcebispo que a abraça*

É muito meu amigo, não é? Diga-me que é muito meu amigo... Diga... Diga!

ARCEBISPO

Se tu és um anjo! *(limpando uma lagrima)* Pobre vélho!

DOM DIOGO, *de dentro, chamando*

Dôres!

DÔRES

Meu pae...

DOM DIOGO, *ainda de dentro*

Onde estão uns papeis, que eu aqui tinha...?

DÔRES, *sahindo pela esquerda*

Que papeis?

ARCEBISPO, *atravessando a scena e indo sentar-se junto da meza, abatido*

E não ter eu pensado que isto mais tarde ou mais cedo havia de acontecer!

DOM MIGUEL

Aqui tem, senhor Arcebispo, por que eu o procurei hoje nos seus Paços. Queria que fosse o primeiro a saber tudo... Que estivesse já n'esta casa, quando eu chegasse...

ARCEBISPO

Para quê? *(tomando a mão de Dom Miguel e olhando-o)* Que vens tu fazer?

DOM MIGUEL

Pedir a mão de Dôres...

ARCEBISPO

Hoje! *(dolorosamente)* Já hoje?

DOM MIGUEL

Comprehendi que não poderia continuar a mentir e a occultar uma coisa que não ha motivo algum para que se occulte. Prometti a mim mesmo que não voltaria aqui, senão no dia em que me resolvesse a pedir ao senhor Dom Diogo a mão de sua filha. Levei oito dias a decidir-me. Resolvi que fosse hoje, e aqui estou. Supplico-lhe, senhor Arcebispo... Não sei porquê, presinto difficuldades e amarguras... Interceda pela nossa causa... Fale ao senhor Dom Diogo antes de eu lhe falar...

ARCEBISPO

Não. Não posso, meus filhos. Não posso. — Baptisei-os a ambos... Deus sabe se eu gostaria de os casar... Mas não posso... *(Os olhos vagos, como quem segue um pensamento doloroso)* Nem uma palavra... Não posso.

DOM DIOGO, *entrando, cheio de manuscritos e de sacos de moedas, seguido de Dôres*

Ora dê cá um abraço, ande, dê cá um abraço! Então que ausencia foi esta?

DOM MIGUEL, *desculpando-se*

Oh! Senhor Dom Diogo... Não imagina... Trabalho... Mil coisas...

DOM DIOGO

Nem ao menos um bocadinho á noite! A qualquer hora que fosse! E eu aqui, á sua espera! A falar em si todos os dias, a todas as horas... Não é verdade, Dôres? Onde estará o Dom Miguel? Que será feito do Dom Miguel? Aquelle ingrato do Dom Miguel! E nada de apparecer! Ah, rapazes, rapazes! *(mostrando-lhe moedas d'ouro, que despeja sobre a mesa)* Veja... Tudo isto é novo... Preciosidades, achadas n'umas escavações de Leiria! Morabitinos d'oiro, que valem cincoenta mil réis cada um! Veja... A quem havia eu de mostrar estas coisas? Ao Arcebispo? Hum! O Arcebispo! *(indicando o Arcebispo que se assentou ha momentos, n'uma attitude de reflexão)* Ali onde o vê, quasi que me bateu ainda agora, por eu lhe dizer que não gostava de cravos! E quando não me bate, chega-me cada massada sobre socialismo catholico e sobre a ultima encyclica de Sua Santidade, que ainda levo todo o dia seguinte a abrir a bocca!

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Ora vejam, vejam para Dom [illegible] e [illegible]

Cuidado... Tem olhos.

ARCERISPO

Ao menos, quem me vale é a pequena... Sim, que tambem não pense que é por si que que eu cá venho. É por ella... Só por ella. Fique sabendo.

DOM DIOGO, *assustado com o ar lastimoso do Arcebispo, vindo até junto d'elle, pé ante pé, e falando-lhe quasi ao ouvido*

Você está zangado, ó Arcebispo?

ARCEBISPO, *a Dom Diogo, com ternura, rindo*

Pateta! — *(a Dom Miguel)* Não ha remedio senão dizer-lhe que tudo isso é muito bonito, Dom Miguel, senão elle fica triste. É mesmo uma creança!

DOM MIGUEL, *que tem estado a namorar Dôres por detraz das costas dos velhos, descobrindo sobre a mesa o habito do frade*

Estava agora vendo uma coisa curiosa... Este habito...

DOM DIOGO

Ah! O habito do tio Dom Frei Antonio... Então tu deixas isto por cima das mesas, Dôres?

DÔRES, *desculpando-se*

Eu vinha para o guardar... Meu pae chamou-me...

ARCEBISPO

Você chamou-a lá de dentro...

DOM DIOGO

Este habito é a mais santa reliquia d'esta casa, Dom Miguel. Pertenceu a Dom Frei Antonio de Jesus, meu tio.

DOM MIGUEL

Franciscano?

DOM DIOGO

Franciscano. Teve a morte dos innocentes e dos justos. — Admira que eu nunca lhe tivesse falado n'isto. — Enforcou-se.

DOM MIGUEL, *com espanto*

Um frade?

DOM DIOGO

No cordão do habito. Esse mesmo, que Dom Miguel tem entre os dedos. Depois da morte do santo, terra onde esse cordão tocasse, toda se abria em rosas. — Dôres... Onde está o livro de Frei Fernão da Soledade?

DÔRES, *tirando um livro d'uma estante*

Aqui, meu pae.

DOM DIOGO

Abre na pagina onde vem a morte de teu tio. E lê. Lê tu, para o Dom Miguel ouvir.

DÔRES, *escusando-se*

Oh! Meu pae...

DOM DIOGO, *para Dôres*

Lê. — *(a Dom Miguel)*. É uma das maiores devoções da Dôres... É o tio Dom Frei. Ella e a Condada, cuidam d'aquelle burél como da propria alma. — Lê, filha, lê.

DÔRES, *lendo*

«Era Dom Frei Antonio de Jesus frade copista do convento, e tendo as mãos todas cobertas de chagas por uma cruél enfermidade, com ellas fazia taes prodigios nas copias de muitas obras de devoção, que no mosteiro lhe chamavam Frei Antonio das lindas mãos. Um dia o accusaram d'uma grave falta que elle não commettêra, e o martyrisaram com jejuns e penitencias, e o privaram do côro. E sabendo Dom Frei quem fôra o verdadeiro culpado, nunca a sua bocca se abriu, e em um anno que viveu ainda, não dizia mais do que estas palavras: Bem sabeis, Senhor, que estou innocente. — Cada

dia que passava lhe dobravam os martyrios e jejuns, e o santo frade, n'uma hora de humana fraqueza, com as mesmas tintas com que pintava as lettras cabiduaes d'um livro, escreveu nas paredes de sua célla: Morro, meu Deus, por que me não acreditaram. — E quando a cabeça lhe pendeu na agonia, debaixo dos seus pés abriam rosas. »

ARCEBISPO, *olhando a pequena, que pousa o livro no regaço, commovida*

Tens lagrimas nos olhos, Dôres?

DÔRES

Ah! Senhor Arcebispo... É que déve ser muito triste não nos acreditarem!

DOM DIOGO

E foi com este habito que elle morreu. Meu avô quiz ainda vêr se beatificavam o pobre frade, mas houve difficuldades na curia romana.

ARCEBISPO

Suicida...

DOM DIOGO

Basta que elle seja santo para nós. *(reparando em Dom Miguel, que olha enlevadamente*

Dôres) Mas o Dom Miguel paréce-me hoje distrahido... Fóra das coisas da terra...

DOM MIGUEL

Oh! Senhor Dom Diogo... Estou ouvindo...

ARCEBISPO, *sentando-se junto de Dôres que se entretem com a almofada da renda*

Ainda me has-de ensinar a fazer renda de bilros...

DÔRES, *rindo*

Ao Senhor Arcebispo?

DOM DIOGO, *a Dom Miguel*

E não sei se sabe, que sobre aquella nossa vélha questão de morabitino e maravedi, encontrei uns documentos preciosos de que tirei cópia... O testamento do bispo Dom Julião e umas doações ao mosteiro de Sózéllo. Estão aqui *(desdobra uns papeis)*. Prova-se, nem mais nem menos, que antes de haver morabitinos em Hespanha, já havia maravedis nas terras que hoje são de Portugal. — Ora ha de lêr, e diga-me depois o que lhe parece.

DOM MIGUEL, *distrahido a olhar Dôres, respondendo machinalmente*

É exacto.

DOM DIOGO, *olhando-o muito espantado*

É exacto? É exacto, o quê? Ora essa! Bem digo eu que você está hoje distrahido!

DOM MIGUEL, *desculpando-se*

Não... Distrahido, não, Senhor Dom Diogo... É que...

DOM DIOGO

Tem alguma coisa que o preoccupe?

DOM MIGUEL, *hesitando*

Qualquer coisa, effectivamente...

DOM DIOGO

Homem, diga-me... Sabe que sou seu amigo...

ARCEBISPO, *a Dôres*

Depois este bilro... E depois?

DÔRES, *que olha Dom Miguel, por detraz das costas do Arcebispo, deixando cahir os bilros*

Ah, Senhor Arcebispo... Não me pergunte mais, que já errei tudo...

DOM MIGUEL

Quero falar-lhe um instante a sós, senhor Dom Diogo.

DOM DIOGO

Tão grande coisa é, que o Arcebispo não possa ouvir? *(reparando na Dôres)* Ah... Tem razão. Não me lembrava da pequena.

ARCEBISPO, *baixo, a Dôres*

Sabes o que Dom Miguel vae pedir a teu pae?

DÔRES

Sei, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO, *a Dom Diogo*

Eu vou com a Dôres, vêr os cravos. *(a Dôres)* Vamos, pequena... Quero que tragas no peito os mais lindos do jardim! — Cravo rôxo no teu peito .. *(De novo, a Dom Diogo, ao sahir com a Dôres)* Deus o illumine, homem, Deus o illumine!

DOM DIOGO, *vendo-os sahir, para Dom Miguel*

Você percebeu o Arcebispo? — Cravo rôxo no teu peito... — Nem eu. Está variado. *(Pu-*

xando uma cadeira) Ora sente-se aqui, ande. Sou todo ouvidos. — Então que temos?

DOM MIGUEL, *depois d'uma hesitação*

O senhor Dom Diogo conhece a minha vida. Sabe que não tenho familia... Que vivo só.

DOM DIOGO

Nunca está só quem pensa. Você devia dar um bello frade. Devia... Mas já não ha conventos. Tiram-nos tudo quanto é grande. Deus lhes perdôe. — Mas diga lá, ande. Diga lá.

DOM MIGUEL

Vivo só... Uma creada velha... Uns Paços velhos... Sobre a porta ha uma pedra d'armas... Preconceitos... Coisas... A minha familia tem seguido sempre a linha de varonia... Queria deixar o meu nome a um filho.

DOM DIOGO, *rindo*

Natural. — É facil.

DOM MIGUEL

Perdão. A um filho legitimo.

DOM DIOGO

Isso é mais sério. Pensa então em casar-se?

DOM MIGUEL

É sobre isso que venho falar-lhe, senhor Dom Diogo.

DOM DIOGO

Pedir o meu conselho? Obrigado. Olhe... Póde ser máu. Mas é o conselho d'um velho que tem soffrido. Não se case. A sua geração acabará em si? Melhor. Ninguem mais soffre.

DOM MIGUEL

Viver, nem sempre é soffrer.

DOM DIOGO, *dolorosamente*

Quasi sempre... Sempre.—Sabe o que é difficil? É a escolha da mulher que será mãe d'esse filho.

DOM MIGUEL

Já a escolhi.

DOM DIOGO

Escolheu? Deus o faça feliz. A si e a ella. Dom Miguel merece-o. É um caracter. Eu conheço-o bem. E sabe porquê? Porque conheci muito seu pae. Um fidalgo ás direitas! Ainda me parece que o estou vendo, nas Côrtes, ao lado do Passos Manoel, com a sua casaca de briche e a sua gravata de tres voltas... Ai, tempos, tempos! Era um grande coração, seu pae. É tambem por isso que eu sou seu amigo.

DOM MIGUEL

Meu pae... — Dizem que me pareço muito com elle...

DOM DIOGO, *olhando Dom Miguel*

Os mesmos olhos... Os cabellos... Muito. É elle, que está dentro de si a falar-me. Bom velho! Bom velho! Quando o abraço, Dom Miguel, sinto que é seu pae que eu estou abraçando.

DOM MIGUEL

Se vivesse, seria elle a fazer-lhe o pedido que lhe vou fazer agora...

DOM DIOGO

Um pedido?

DOM MIGUEL

Peço-lhe, senhor Dom Diogo, a mão de sua filha.

DOM DIOGO, *olhando Dom Miguel, quasi com pavor, recuando até a uma cadeira, e cahindo abatido, a cabeça entre as mãos*

A minha filha!... A minha filha! *(erguendo-se bruscamente, vindo até junto de Dom Miguel, as mãos trémulas, a voz rouca)* Não! Não! Não! *(de novo, n'um abatimento, cahindo em lagrimas sobre o escâno)* Deu-me agora a maior dôr que me podia ter dado!

DOM MIGUEL, *cheio de espanto*

Mas porquê, senhor Dom Diogo?

DOM DIOGO

Não a esperava de si. Peço-lhe, Dom Miguel... Se um dia foi meu amigo, se um dia lhe mereci alguma piedade, peço-lhe que nunca mais me fale em minha filha...

DOM MIGUEL, *n'uma natural expressão de dignidade*

Mas, senhor Dom Diogo... Vejamos. Estas coisas não se tratam assim entre fidalgos. Fiz-lhe um pedido que tinha o direito de lhe fazer.

Responde-me com uma recusa. Essa recusa deve ter motivos. Falemos serenamente. Que motivos são esses? O senhor Dom Diogo tem uma filha que é a sua unica familia. Comprehende que a não venho roubar ao seu amor de pae. Ficariamos os dois vivendo n'estes Paços, junto de si, cercando-o da mesma estima e da mesma adoração. Como vê, por esse lado não se justifica a sua recusa. Tambem se não trata, por certo, d'uma questão de nobreza. A minha familia é tão antiga e tão nobre como a sua. Muito menos se tratará d'uma questão de bens. O senhor Dom Diogo conhece os rendimentos da minha casa. Vencida a demanda dos vinculos d'Ega e de Vimaredo, devem mesmo exceder os seus. Quanto ao meu caracter, a sua bondade acaba de m'o reconhecer digno da memoria de meu pae. Pergunto: porque razão me néga a mão de sua filha?

DOM DIOGO, *n'uma apparencia tranquilla*

Porque 'lh'a não posso dar.

DOM MIGUEL

Mas, senhor Dom Diogo, isso não é motivo.

DOM DIOGO

Porque lh'a não devo dar.

DOM MIGUEL, *pallido*

Julga-me então indigno d'ella?

DOM DIOGO

Não seja creança. Bem sabe. A sua nobreza, a sua posição, o seu caracter, falam bem alto, para satisfazer um pae ainda mais exigente do que eu. Dom Miguel honrava a nossa casa e honrava minha filha. Bem sabe.

DOM MIGUEL

N'esse caso, como se explica a sua recusa?

DOM DIOGO

Muito simplesmente. Já lh'o disse. Não lhe dou minha filha, porque lh'a não posso dar.

DOM MIGUEL

Mas, se o senhor Dom Diogo me reconhece digno de ser marido de sua filha, e me néga a sua mão, então... é porque é ella, que...

DOM DIOGO, *erguendo-se*

Dom Miguel!

DOM MIGUEL

É o que se conclúe.

DOM DIOGO

Não. Minha filha é tão pura como aquelle sol. Tão pura, como na hora em que nasceu. Se é a noção vulgar de pureza que torna uma mulher digna de se unir a um homem, minha filha é digna de si. Mas não lh'a posso dar. *(Com lagrimas na voz)* Supplico-lhe, Dom Miguel... Faça-me a esmola de a esquecer... Faça-me essa esmola, meu filho... Veja que tem um velho a chorar-lhe nos braços... Esqueça-a... Não pense mais n'ella...

DOM MIGUEL

Não. Não é com lagrimas que estas coisas se resolvem, senhor Dom Diogo! É com razões. — Se não ha motivos que se opponham ao meu casamento com sua filha, esse casamento ha-de fazer-se. Ella é maior. Ha o recurso da justiça.

DOM DIOGO

Isso é um desafio?

DOM MIGUEL

Não. É a defeza da minha felicidade!

DOM DIOGO

Ha-de arrepender-se d'essa aspereza com que me fala. Ha-de arrepender-se, quando soubér tudo. É justamente porque quero muito á minha filha, e porque tambem lhe quero muito, Dom Miguel, que eu lhe peço que a esqueça, que tenha dó de mim...

DOM MIGUEL

Quando soubér tudo...? Mas que mysterio é esse? Repare, senhor Dom Diogo, que está tratando com creaturas humanas e não com sombras creadas pelo seu espirito. Se eu mereço sua filha, se sua filha me merece a mim, se, nenhum motivo grave, nem mesmo a consideração de qualquer preconceito, se oppõe a este casamento, para que vae o senhor Dom Diogo obrigar-me a recorrer a uma violencia extrema?

DOM DIOGO

Bem. Está dito. Quer saber os motivos da minha recusa, não é assim? Olhe... O que lhe juro, é que depois de os ouvir fugirá muitas légoas para longe d'aqui. *(A um gesto de Dom Miguel)* Não. Não lh'os direi agora. Tenho a minha alma em tanta turbação, que nem eu me

entenderia a mim mesmo. Venha cá... Ouça-me. Prepare a sua alma para uma grande dôr. Quando se sentir com força bastante para soffrer, previna-me em duas palavras. Ámanhã, depois, quando quizér. Espéro-o na parte deshabitada d'estes Paços. Saberá tudo, então. Mas agora poupe-me, Dom Miguel, que eu tenho um soluço na garganta e já mal posso falar. Vá... Olhe... Não se despéça d'ella... É um conselho... Não se despéça d'ella... E não me queira mal... Meu filho! *(abraçando-o)* Eu tinha-o n'um logar tão escolhido do meu coração...

DOM MIGUEL

Senhor Dom Diogo, eu cumpro as suas ordens. Voltarei ámanhã. E espéro que levaremos este negocio até ao fim, como fidalgos.

DOM DIOGO

Como creaturas que soffrem. *(apertando-lhe a mão, commovidamente)* Adeus.

Dom Miguel sae pelo fundo. Dom Diogo fica, abatido, curvado sobre o escâno

ARCEBISPO, *entrando, passado um instante*

Então que significa isto? Dom Miguel sahiu d'aqui com as lagrimas nos olhos... Passou por pé de nós, sem nos dizer palavra...

DOM DIOGO, *levantando-se de repente, n'uma expressão barbara de loucura, os braços erguidos n'uma imprecação*

Arcebispo! Arcebispo! Mande dobrar os sinos! Suba á varanda da sua Sé e grite ao povo que Deus mente, que Deus géra creaturas imperfeitas, que Deus é criminoso!

ARCEBISPO, *com vehemencia*

Velho! Cale-se!

DOM DIOGO, *cahindo sobre uma cadeira, os olhos vagos, as mãos convulsas*

Mande dobrar os sinos! Mande dobrar os sinos!

CAE O PANNO

SEGUNDO ACTO

Uma camara interior dos mesmos Paços, ha muitos annos deshabitada. — Arco resguardado por uma tapeçaria de Arrás, dando para uma alcôva de sêda carmezim, com leito alto de bilros. — Tectos d'oiro, com pinturas. — Arcas. — Pelas paredes, grandes retratos nobres, de mulher. — N'um oratorio, um Christo enorme. — Perto, um cravo hollandez. — Pelo chão, cadeiras derrubadas. — Porta ao fundo. — É dia de sol, mas as janellas estão completamente cerradas, de modo que a escuridão é absoluta. — Ao levantar o panno, nada se distingue do que está em scena.

DOM DIOGO, *entrando, cheio de pavor, uma luz na mão*

Ha trinta annos!

ARCEBISPO, *seguindo Dom Diogo, a tactear*

Trinta annos!

DOM DIOGO

Tenho frio nos ossos, Arcebispo. *(Guiando o Arcebispo, que tropeça nos moveis)* E a sua mão tréme.

ARCEBISPO

Falta o ar.

DOM DIOGO

Fechado ha tanto tempo... *(Atirando ao chão o ferro quebrado d'uma chave)* A chave que se quebrou. Estava roída de ferrugem. — E eu que pensei nunca mais abrir aquella porta!

ARCEBISPO, *estremecendo*

Se essa luz se apagasse...?

DOM DIOGO

Já preveni a Condada. Em chegando o Dom Miguel, que o trouxésse para aqui. A pobre velha estremeceu. A sua figura pallida, diante de mim, oscillou como uma sombra.

ARCEBISPO

Era melhor abrir as janellas... Deixar entrar o sol!

DOM DIOGO, *com horror*

O sol!

ARCEBISPO

Está um dia lindo, lá fóra! As amendoeiras floridas batem n'estas janellas... *(Estremecendo, de novo)* Se essa luz se apagasse...?

DOM DIOGO

O sol não entrará n'esta casa, emquanto eu viver. — Lembra-se? E entretanto, eu fui feliz, aqui dentro! Eu ri... Ri, Arcebispo! Eu ri, entre estas quatro paredes! E estes moveis, e estas pinturas, tudo riu, tudo amou commigo! Dentro das cortinas d'aquelle leito, chamei gloria d'amar á maior das mentiras humanas, — e ri, e gritei a todo o mundo: colhei o beijo na bocca da mulher, ó creaturas que passaes! *(relanceando os olhos pela casa, o candieiro erguido na mão)* Lembra-se, Arcebispo? Era n'aquelle cravo que ella tocava a cavatina de Marcos Portugal... Por aquelle escabéllo que subia ao leito... Áquelle Christo, que as suas mãos se levantavam... As lindas mãos d'ella, todas cheias de joias... E o seu perfume enchia o Paço inteiro... E todo eu ria, todo eu cantava, quando a sua voz me chamava de longe: — Diogo! Diogo! *(Erguendo-se bruscamente, cheio de horror, a cabeça apertada nas mãos)* Arcebispo! É a voz d'ella que eu oiço! É a voz d'ella que

eu tenho nos ouvidos! Tire-me esta voz de dentro de mim... Arcebispo! Arcebispo!

ARCEBISPO, *tranzido*

A misericordia de Deus é infinita. *(Erguendo-se e aproximando-se do velho)* Socégue. Para quê, desenterrar um passado doloroso? Que fazemos nós aqui? Seja rasoavel. Porque não vamos, na minha sége, esperar Dom Miguel ao caminho? Está um lindo dia... Abrem rosas pela estrada...

DOM DIOGO

Se lhe falta coragem, Arcebispo, deixe-me só.

ARCEBISPO

Não. Bem sabe que nunca o deixei só, fosse em que momento fosse da vida. — Mas repare... O que tem de dizer a esse pobre rapaz, não se torna nem mais justo nem mais humano por ser dito aqui dentro.

DOM DIOGO

O Arcebispo não conhéce os homens. — Dom Miguel só chegará a comprehender-me, quando tivér sentido o mesmo pavor que eu sinto agora.

ARCEBISPO

Não é o pavor dos mortos que convence. São as razões dos vivos. E as suas razões, perdôe-me que lhe diga, parecem nascidas no espirito d'um louco.

DOM DIOGO, *erguendo-se*

Arcebispo!

ARCEBISPO

É preciso entendermo-nos. Ha trinta annos que respeito a sua dôr, a desgraça d'esta familia, o segredo d'estes Paços. Hoje, tem de ouvir-me. Trata-se da felicidade de sua filha, e eu quero a essa creança como não quiz ainda a mais ninguem no mundo... Como se ella fosse minha filha, mais ainda do que minha filha, porque lhe quero mais de que o senhor. Quando a baptisei, já ella não tinha mãe. Lembro-me ainda, como se fosse hoje. Baptisei a no regaço da Condada... Estava cheia de rendas, e as suas mãosinhas, muito côr de rosa, brincavam com o sol que entrava pela Egreja... Nascera mulher... Vira a luz n'estes Paços... Tanto bastava, para que ella fosse uma existencia condemnada ao soffrimento. Quando a ungi no peito, vi-a muito contente, a rir para mim... *Ego te lineo, oleo*

salutis! E as lagrimas cahiam me pela cara, a quatro e quatro! N'esse momento, jurei defendel-a... É em nome d'essas lagrimas que a defendo agora, velho! Em nome das lagrimas que chorei... Em nome do amor que lhe tenho .. É preciso que este casamento se faça...

DOM DIOGO

A sua alma cahiu em turbação! Pois o Arcebispo duvida ainda do meu amor de pae? O Arcebispo não sabe que é a vida da minha filha que eu venho defender aqui? Não sabe! Não sabe!

ARCEBISPO

Perdôe. Procuro apenas mostrar-lhe a justiça e a humanidade das coisas. Todos aquelles que descem a este valle de lagrimas teem o direito d'amar e de ser felizes. E se a todos se deve reconhecer esse direito, muito mais a uma filha.

DOM DIOGO

E em que livro santo leu o Arcebispo que o amor conduz á felicidade?

ARCEBISPO

Se não conduz á felicidade é porque não é amor.

CONDADA, *assomando ao fundo*

O senhor Dom Miguel.

ARCEBISPO

O que vae dizer a esse pobre rapaz?

DOM DIOGO

A verdade.

DOM MIGUEL, *entrando, a tactear*

Senhor Dom Diogo...

DOM DIOGO, *indo ao encontro de Dom Miguel*

Dom Miguel... Aqui. Estou aqui.

DOM MIGUEL

Perdôe. Não se vê nada.

DOM DIOGO

Não admira. Vem do sol. *(desviando-o)* Olhe essa arca... É melhor sentar-se ahi mesmo.

ARCEBISPO, *estendendo a mão a Dom Miguel, que o não vê, e se conserva de pé junto á arca*

Como estás, Miguel?

DOM MIGUEL

Oh! Senhor Arcebispo .. Tambem me esperava? *(Estremecendo)* Quasi sem luz... Parece que morreu alguem n'esta casa.

DOM DIOGO

Morreu. — Mas foi ha muito tempo. Ha trinta annos. *(Notando a perturbação de Dom Miguel)* Não extranhe. Recebo-o como lhe prometti, na parte deshabitada dos meus Paços. Tudo isto está cheio de sombras... *(Quasi n'uma allucinação)* Estendo os braços, e encontro sombras... Sombras familiares... Sombras... Palpitam em volta de mim... Passam entre os meus dedos... Arrepélam-se... soluçam... Sombras... Sombras! *(n'uma transição brusca de serenidade)* É uma casa historica... Olhe... Estes tectos foram pintados por um bisavô meu, corregedor do Civel da Côrte, no tempo da senhora Dona Carlota Joaquina. Enlouqueceu, quando acabava de os pintar. — Logo vê, em se acostumando mais á escuridão — Tambem tive loucos, na familia... *(De novo, n'um gesto vago e allucinado)* Por toda a parte... Por todos os cantos... Sombras... Sombras!

DOM MIGUEL, *levantando-se, pallido*

Senhor Dom Diogo... Se podéssemos sahir

d'aqui, por um instante... Sinto a cabeça um pouco perturbada...

DOM DIOGO

Falta de luz. Talvez accendendo os outros bicos... Lembra-se de ter notado, um dia, que não havia nos meus Paços senão retratos de homens? Pois agora, se olhar em volta d'estas paredes, só encontra retratos de mulheres. — *(Accendendo os outros dois bicos do candieiro)* Já tem mais luz. Deve vêr melhor. *(encarando-o)* Está pallido... — Chamo a sua attenção para todos estes retratos...

DOM MIGUEL, *interrompendo*

Perdão, senhor Dom Diogo. Eu venho apenas saber os motivos porque me recusou a mão de sua filha. O resto não me interessa. *(Ao Arcebispo)* Vossa excellencia, senhor Arcebispo, foi capellão d'estes Paços e é um grande amigo d'esta familia. Peço-lhe que me diga se ha algum impedimento canonico ou civil ao meu casamento...

ARCEBISPO

Nenhum.

DOM MIGUEL

Não tinha, por conseguinte, duvida em nos casar? *(notando a hesitação do Arcebispo)* O senhor Arcebispo hesita?

ARCEBISPO, *depois d'uma lucta interior*

Não. Nenhuma duvida.

DOM DIOGO

O Arcebispo mediu bem a responsabilidade do que acaba de dizer?

ARCEBISPO

O destino das creaturas está na mão de Deus.

DOM MIGUEL

Mas que mysterio é este? *(tomando as mãos do Arcebispo)* O senhor Arcebispo estremeceu...

ARCEBISPO, *levantando-se, pallido*

É melhor sahirmos d'aqui.

DOM DIOGO, *tomando o passo a Dom Miguel*

Não. É preciso que saiba tudo. *(Levantando o candieiro de tres bicos á altura dos retratos)*

Vê estes retratos, Dom Miguel? Foram, nos ultimos dois séculos, todas as donatarias d'estes Paços. — Não sei se algum dia lhe disse que n'esta familia o Paço de Veiros era o morgado das filhas primogénitas. Por morte dos paes, e apesar da lettra em contrario das Ordenações, ficavam vivendo aqui, com todas as rendas e prazos, contanto que se casassem dentro da familia. Houve sempre filhas. Por conseguinte, estes Paços tiveram sempre as suas donatarias. — Eu chego a luz. Veja bem. Que semelhança! Dir-se-hiam retratos differentes da mesma mulher! Não conhece alguem, muito parecido...?

DOM MIGUEL

Sua filha...

DOM DIOGO

Minha filha. É minha filha a ultima das donatarias. *(Apontando os retratos da direita)* Ali, são as avós. *(com um estremeção de pavor, apontando outro retrato isolado, quasi sem o olhar)* Aquella é a mãe. — Repare... A mesma pureza, o mesmo ar angelico, a mesma luz sobrenatural que as circunda, que as envolve... Parece que trouxéram para a terra um pouco do céu... — E entretanto, entretanto Dom Miguel, todas ellas atraiçoaram! Uma vez casadas, todas seguiram

o mesmo caminho de abominação e de deshonra! Todas! Da primeira á ultima! Todas! Todas! *(Erguendo mais a luz)* Veja... A semelhança é tão extraordinaria, que minha filha parece a resurreição d'estas mortas. — Não parece. É. *(N'uma voz mysteriosa)* Que somos nós todos! Resurreições... Resurreições! Que sou eu, que é o senhor, que somos nós, creaturas visiveis, senão um mundo de creaturas invisiveis? Dom Miguel nunca sentiu, dentro de si mesmo, duas almas, tres almas intrusas que falam ao mesmo tempo, que discutem, que decidem dos seus passos, das suas acções, da sua existencia? São os mortos, que continuam dentro de nós a sua vida implacavel, que nos empurram fatalmente para o mesmo destino... Os mortos! — Comprehende agora porque lhe não dei a minha filha... Todas atraiçoaram! Tem a traição no sangue... Ha de atraiçoar tambem!

ARCEBISPO, *levantando-se, n'um gésto grandioso*

Não! Ninguem tem o direito de julgar criminosa uma creatura só porque nasceu de criminosos, e não é justo fazer cahir sobre os filhos as culpas dos paes!

DOM DIOGO

Era o que o Arcebispo me dizia ha trinta annos! Lembra-se? Nas vesperas do meu casa-

mento, lá baixo, na capella, quando eu já estava decidido a fugir, a deixar tudo... Disse-me da mãe o que me diz agora da filha... E a mãe atraiçoou! Não, não...! O Arcebispo esquece que perdeu o direito de me aconselhar!

DOM MIGUEL, *que tem ouvido, n'um pavor crescente*

Mas se o senhor Dom Diogo sabia a fatalidade que pesava sobre esta familia, para que se casou?

DOM DIOGO

Porque minha mulher não teve um pae capaz de me dizer a mim o que eu lhe estou dizendo agora. Não teve. Era um velho, Ouvidor do Conselho do Infantado, paralytico e demente. Eu ia fazer quarenta annos. Má idade para paixões. Eramos primos. Ninguem me desviou. Casei. *(Os olhos vagos, como recordando)* Casei... —Nos primeiros tempos, sabe lá como eu fui feliz, Dom Miguel! Cheguei a cuidar que isto já era o céu, por prémio d'outra vida! Lembra-se, Arcebispo? Os nossos serões! Ella tocava deliciosamente cravo... O Arcebispo fazia-nos companhia... Que tranquillidade! A gavota de Haydn subia como um incenso a estes tectos doirados, e eu chorava de felicidade, e cahia nos seus braços, e beijava-o, Arcebispo, e sentia tenta-

ções de subir a essas varandas e de gritar a todo o mundo: — Olhem! Ha felicidade na terra! Ha amor na terra! *(Erguendo-se, n'uma expressão de pavor)* Mas um dia, — um dia, dentro d'ella, a mãe resuscitou! Tinha de ser. Eram as mãos pallidas das mortas que a empurravam para a traição e para a mentira... Certa noite, quando eu entrava com o Arcebispo, escoou-se uma sombra para o jardim. Persegui-a. Ouvi bolir a folhagem d'um caramanchão d'azulejos... Depois o silencio... Ninguem. Passou-se tempo. Mais tarde, tive a certeza! A espantosa certeza! A maldita certeza! Andei pelos campos, como um doido, soluçando, mordendo as mãos, estalando de dôr, uivando como uma féra. Havia Lausperenne na Sé, e os sinos tocavam, em festa! Quiz fugir, metter pela estrada, desapparecer... Não pude. Quando entrei n'esta casa, senti dentro de mim, claramente, a ruina de toda a humanidade! Ella dormia, n'aquelle leito... Dormia... Os cabellos louros espalhados sobre a travesseira... Pensei em resar... ajoelhar-me... pedir a Deus misericordia para ella... Mas os sinos tocavam, lá fóra... Subiu-me á cabeça uma onda de sangue... A mão crispou-se-me n'um ferro... Atirei-me d'encontro ao leito, como um animal, e então, Deus de piedade! — feri ao acaso, ás cegas, não sei por onde... O ferro cravava-se, rangia nos ossos, resvalava, e a voz d'ella implorava na agonia:

Diogo! Diogo! E eu feria mais... Feria sempre! Já não era uma mulher que eu estava matando... Era uma geração inteira... Era toda a mentira humana! Depois cahi... cahi desfallecido, manchei a cara de sangue, e quando voltei a mim, gelado de pavor, com os cabellos em pé, agarrei o cadaver pelos braços, arrastei-o, desci as escadas... As pernas tremiam-me, via luzes a bailarem-me nos olhos, tilintavam-me sinos dentro dos ouvidos...! *(N'uma grande violencia)* Não, não, Dom Miguel! Eu, que sei o que soffri, não lhe dou a minha filha... A mãe atraiçoou como as outras... Ella ha-de atraiçoar como a mãe! *(cambaleando)* Não, não!

ARCEBISPO, *que o ampara*

Dom Diogo!

DOM DIOGO, *n'uma allucinação*

E desde então, ha trinta annos, sinto-a sempre, vejo-a sempre entre os meus braços... E surge-me das sombras, e fala-me, e soluça, e levanta as mãos convulsas para mim... *(Dando com o vulto da filha, que tem entrado ha tempo, ouve tudo e permanece hirta)* Além, além, Arcebispo! — A morta! A morta!

ARCEBISPO

Dôres! Dôres!

DOM DIOGO, *reconhecendo Dôres*

Filha!

DÔRES, *surgindo da sombra, n'um ar de serenidade tragica*

Ouvi tudo. Tudo. E veja a tranquillidade com que o ouvi! Nem uma lagrima! Se conhece um pouco as creaturas humanas, deve comprehender por esta impassibilidade, que dentro de mim alguma coisa morreu.

DOM DIOGO

Ah! Para que abri eu aquella porta!—Filha! Minha filha!

DÔRES

Jogava-se aqui dentro a minha felicidade e a minha vida. Venho defender-me. É uma coisa que não se nega ao ultimo criminoso: a defesa!

ARCEBISPO, *n'uma supplica*

Dôres! Pelo amor de Deus! Dôres!

DÔRES

Que culpa tive eu de nascer? Que culpa? Diga-me, senhor Arcebispo... Que culpa tive

eu de nascer? Para que me crearam? Se meu pae sabia que era miseravel a vida que me dava, — para que m'a deu? Para que me atirou para um mundo onde eu não podia ser feliz? Para quê? Se algum de nós é criminoso, não sou eu, que nasci por culpa dos outros, — é meu pae, que me fez nascer! — É ao senhor que eu peço contas! Para que creou uma vida condemnada? Que prazer foi o seu em gerar a dôr e o soffrimento? Com que direito me fez existir a mim? Com que direito?

DOM DIOGO, *erguendo-se, n'uma violencia*

Arcebispo! A minha filha offende-me! — Leve-a d'aqui! Eu não quero ouvir mais! Leve-a d'aqui!

ARCEBISPO, *querendo arrastal-a*

Dôres!

DÔRES

Não, senhor Arcebispo. *(Para Dom Diogo, dolorosamente)* Devolvo a meu pae a vida que me deu, e com ella, todo o amor que lhe tive. *(A Dom Miguel)* Dom Miguel... Creio que me conhece, que me julga incapaz de atraiçoar, de mentir, de faltar á fé jurada... Apesar de tudo quanto ouviu a meu pae, está disposto a ser

meu marido? *(Dom Miguel, conserva-se cheio de pavôr, a cabeça entre as mãos, sem uma palavra)* Não responde...?

ARCEBISPO

Dom Miguel!

DÔRES, *com infinita dôr*

Comprehendi.— Não, senhor Arcebispo! Não foi só minha mãe a assassinada... Fui eu tambem!

DOM DIOGO, *vendo que Dôres se afasta, e correndo para ella*

Filha! Filha! Minha filha! *(Esbarra com a arca. O candieiro de tres bicos cáe no chão. A luz apaga-se. Escuridão completa. Pavor)* Ah! Luzes! Luzes! Condada! Luzes!

ARCEBISPO

Abram essas janellas!

Dôres sae pelo fundo. O Arcebispo corre, tacteando, a uma das janellas. Dom Miguel conserva-se immovel, silencioso, tranzido.

CHRISTOVAM, *entrando, em seguida á Condada, a tactear*

Que foi? Que foi?

ARCEBISPO, *abrindo as janellas e fazendo entrar o sol*

O sol!

DOM DIOGO, *com horror, correndo para a janella, os braços erguidos, como a impedir a entrada da luz*

O sol!

CHRISTOVAM, *dolorosamente, sem comprehender*

O sol, Condada! Por toda a parte, o sol!

CAE O PANNO

TERCEIRO ACTO

No mesmo scenario do primeiro acto. — De noite. — Vê-se, pela porta do fundo, o céu todo estrellado.

Ao levantar o panno Christovam está sentado junto da mesa, n'uma attitude dolorosa. A luz d'um candieiro de tres bicos bate-lhe na cara.

ARCEBISPO, *assomando, ao fundo*

Christovam!

CHRISTOVAM, *erguendo-se*

Ah! É o senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Que é feito do Dom Diogo?

CHRISTOVAM, *beijando o annél do Arcebispo*

Lá em baixo, na capella.

ARCEBISPO

A estas horas?

CHRISTOVAM

Separando umas pinturas sacras e umas imagens, que vão ser removidas não sei para onde.

ARCEBISPO, *extranhando*

Removidas? Não me disse nada...

CHRISTOVAM

Talvez para os Paços da Mitra...

ARCEBISPO

Anda ahi de mais ou de menos. Coisas d'aquella cabeça. Eu já vou ter com elle. *(Vendo o habito sobre a mesa)* Ainda este pobre habito aqui está! *(encaminhando-se para a porta da esquerda)* E a Dôres?

CHRISTOVAM

Mandou-me dizer, pela Condada, que a esperasse aqui. Mas soube agora que estava socegando.

ARCEBISPO

Deixal-a, coitadita. Deve ter soffrido muito. *(Dirigindo-se para o fundo)* Olha, Christovam... Logo que ella appareça manda a Condada lá baixo á capella. *(Indo para sahir e dando com Dom Miguel, que entra)* Dom Miguel!

D. MIGUEL, *pousando o chapéu e beijando o anné do Arcebispo*

Senhor Arcebispo... *(dirigindo-se ao encontro do cégo)* Padre Christovam...

ARCEBISPO

Tu, aqui?

DOM MIGUEL

Nunca é tarde para cumprir um dever. Procurei-o de dia na Sé. Procurei-o ha pouco nos seus Paços. Disseram-me que estava aqui. Venho falar-lhe, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO, *arrastando uma cadeira e sentando-se, emquanto o cégo tacteia as portas, as paredes, e sae*

Dize. Sabes que te quero como a um filho. Posso estar magoado e triste... Mas não é comtigo. É o destino. É a fatalidade das coisas.

DOM MIGUEL

Não, senhor Arcebispo. Por maior que seja a sua bondade e o seu perdão, não conseguem levantar-me, aos meus proprios olhos. A minha attitude de hontem, n'este tristissimo incidente, foi d'uma incorrecção e d'uma covardia absolutamente indignas do meu caracter e do meu nome.

ARCEBISPO, *interrompendo*

Mas vejamos, Miguel... Vejamos ..

DOM MIGUEL

Venho dar-lhe as explicações que lhe devo, senhor Arcebispo. N'aquelle momento, eu estava dominado por uma tão profunda impressão de pavor, que perdi inteiramente a consciencia do meu dever de homem e de fidalgo. Fizeram-me uma pergunta. Respondi com um silencio offensivo e cruél. Ora o senhor Arcebispo, que conhece o meu caracter, sabe como eu teria respondido, se estivesse, como agora, absolutamente de posse de toda a lucidez do meu espirito. — Apesar de tudo, a despeito de tudo, estou decidido a casar, e immediatamente.

ARCEBISPO, *commovido*

Nem outra coisa se podia esperar de ti. Deste-me agora uma grande alegria, Miguel! *(apertando-lhe a mão)* Obrigado, meu filho.

DOM MIGUEL, *notando-lhe a commoção*

Oh, senhor Arcebispo...

ARCEBISPO

Pobre Dôres! Se tu soubesses como eu lhe quero! *(depois d'um momento, olhando Dom Miguel)* Mas é preciso entendermo-nos. Tu não casas por dever. Tu casas por amor...

DOM MIGUEL

Por amor e por dever, senhor Arcebispo.

ARCEBISPO

Tens então, dentro da tua alma, a fé necessaria para dar este passo? Sim... Porque tu comprehendes... Uma duvida que persistisse no teu espirito, era uma tortura para ambos. É preciso que tu confies na pureza d'essa creança, na sua nobreza de sentimentos, que reco-

nheças bem claramente quanto ha de injusto em condemnar uma creatura por crimes que não commetteu... Do peccado todos nós nascemos, e nem por isso andamos pelo mundo a voltar as costas uns aos outros. Esse pobre velho tem a razão perturbada pela edade e pelo soffrimento. Ora a felicidade de duas creaturas que vivem, e sentem, e amam, e padecem, não póde estar, de modo algum, sujeita á philosophia d'um louco.

DOM MIGUEL

Mas diga-me, senhor Arcebispo... É ou não verdade tudo quanto o senhor Dom Diogo nos disse a respeito das donatarias d'estes Paços?

ARCEBISPO

Sim... É tudo verdade.

DOM MIGUEL, *amargamente*

Por conseguinte, estamos em presença d'um louco, — que diz verdades. Sempre é um pouco mais sério. — Isto não quér dizer que eu hesite um momento em seguir o caminho que me impuz. De modo algum. Basta conhecer a Dôres, vêl-a, falar com ella um instante, para se ter

desde logo a certeza de que está ali uma alma incapaz de traições e de mentiras. E entretanto, eu sinto, senhor Arcebispo, que nunca mais poderei olhar para ella, sem vêr ao mesmo tempo todos aquelles retratos. Que pasmosa semelhança! Se a abominação resurgisse com a fatalidade com que resurgiu a belleza, — oh, senhor Arcebispo, Deus tivesse compaixão de nós!

ARCEBISPO, *com magua*

O teu espirito oscilla entre duas duvidas. Falta-te a fé. N'esse caso, Miguel, o melhor é cada um seguir o seu destino.

DOM MIGUEL

Mas se eu a amo, senhor Arcebispo... Se eu a amo! E vão lá entender a natureza humana! Depois que soube todo o horror d'esta familia, a figura da Dôres, até ahi serena e transparente, ennevoou-se d'um tamanho mysterio, que se eu hontem a amava muito, hoje amo-a mil vezes mais. E não sei porquê... Procuro dentro de mim mesmo a razão d'isto e não a encontro, e perco-me na escuridão do meu pensamento, como um cégo...

ARCEBISPO

Ouve. Eu não te posso aconselhar. D'um conselho meu, dado uma noite, lá baixo, na capella, nasceu a Dôres. Não quero que outra vez, d'uma palavra minha, nasça alguem condemnado a soffrer. Pensa. Se a traição da mãe e das avós é motivo sufficiente para que a não julgues digna de ser tua mulher, — vae, não voltes a estes Paços, deixa-a soffrer e morrer tranquilla. Mas se apesar de tudo quizeres unir o teu destino ao d'ella, verás então, Miguel, como eu abençôo, sem hesitações e sem duvidas, essa união a que não se oppõem nem o direito de Deus nem o direito dos homens. *(depois d'um silencio)* Pensa, meu filho. Fala-lhe. É preciso que ella ouça tudo o que me disseste agora...

DOM MIGUEL

Ponho nas suas mãos a minha felicidade, senhor Arcebispo. A Dôres não me ouviria, a mim, serenamente. Só a sua auctoridade póde defender-me e justificar-me perante ella. O senhor Arcebispo baptisou-nos a ambos. Basta a sua benção para nos tornar felizes...

ARCEBISPO, *muito alegre, abraçando-o*

Meu rapaz! Meu rapaz! *(limpando uma lagrima e rindo ao mesmo tempo)* Tudo se arranjará,

descança. — E aqui está em que um prelado respeitaval passa os dias... No jardim, a entreter-se com os cravos, e em casa, com os amores dos meninos!

DOM MIGUEL

Quanto ao senhor Dom Diogo...

DOM DIOGO, *entrando, pallido, a barba revolta n'um geito barbaro, os olhos vagos, sobraçando dois castiçaes de prata dourada e qualquer outro objecto de culto*

Arcebispo! *(pousando os castiçaes sobre a mesa)* Preciso que desça commigo á capella. Estou lá a separar umas coisas. Quero que as veja.

ARCEBISPO

Já o Christovam me tinha dito...

DOM DIOGO, *encaminhando-se para o fundo, para sahir*

Então, venha. *(Dando de repente com Dom Miguel, que ficou encostado á estante, do outro lado da scena)* Ah! Dom Miguel! — Não me preveniram da sua entrada... *(Vendo que Dom Miguel se lhe dirige, com um sorriso)* Pois ainda é meu amigo?

DOM MIGUEL

Nem ha motivos para que o não seja, senhor Dom Diogo.

DOM DIOGO, *abraçando-o, dolorosamente*

Meu pobre Miguel! — Eu já não tenho filha! Renegou do meu amor de pae... Renegou-me, Arcebispo! *(deixando se cahir sobre um tamborete, junto da mesa)* Já não tenho filha!

DOM MIGUEL, *amparando-o*

Senhor Dom Diogo... Então...

ARCEBISPO

Tem uma filha que soffre. A piedade humana ha de ensinal-a a perdoar-lhe.

DOM DIOGO

A perdoar-me, o quê? O crime de a ter feito nascer? Mas, Arcebispo... O criminoso não fui eu... O criminoso foi Deus!

ARCEBISPO, *com energia*

Velho! Blasphémias, não!

DOM DIOGO

Pois se Deus via que eu ia gerar uma creatura imperfeita, porque razão não fez infecunda a mãe? Porque razão...? *(resignadamente, alinhando sobre a mesa os castiçaes)* Acabou-se. — Dois castiçaes para o Christovam... Tinha-lh'os promettido. O resto está lá em baixo. Para você vêr, Arcebispo. Se quizer tambem a talha doirada dos altares, mande-a arrancar. Um dos retábulos é do Vieira Luzitano. Era pena que se perdesse. Léve tudo para a sua capella.

ARCEBISPO

Mas que idéa foi essa?

DOM DIOGO, *n'uma expressão barbara*

Toda a gente que tem vivido n'estes Paços foi desgraçada. Vou mandal-os arrazar. Fugir d'aqui, para muitas légoas. O Arcebispo disse hontem que queria á minha filha mais do que eu. Leve-a comsigo. Proteja-a. Administre o que de direito lhe pertence da sua fortuna. Eu vou sósinho. Acabaram-se para mim todos os affectos humanos. Sou uma creatura árida e selvagem. Que vou fazer? Sei lá! Atar umas varas de burél em volta do corpo, e metter-me n'uma

cova, como o philosopho, a pensar nos destinos da féra humana. Sósinho! Vou vêr de longe a Humanidade.—Já não tenho filha! Já não tenho ninguem... Ninguem!

ARCEBISPO, *com sentimento*

E eu? Como os velhos são ingratos... E eu?—Olhemos as coisas, com lucidez e com bom senso. Antes de tudo, estes Paços não são apenas seus. São tambem de sua filha. Não póde mandal-os arrazar sem o consentimento d'ella. E para quê, arrazar uma casa, se é tão simples abandonal-a e cerrar-lhe as portas? Dir-me-ha que mais nenhuma das suas propriedades está em estado de ser habitada... Convenho. Mas os Paços da Mitra são enormes. Porque não vae viver commigo?

DOM DIOGO

E a minha filha? *(dolorosamente)* Ai, Arcebispo! Arcebispo! Pois não sabe que ella nunca mais poderá beijar-me as mãos, sem as vêr tintas do sangue da mãe!

ARCEBISPO

Sua filha escusa de viver comnosco. Viverá com o marido.

DOM DIOGO, *cheio de espanto*

Com o marido? *(encarando Dom Miguel, interrogativamente, quasi com horror)* Dom Miguel! Pois o Dom Miguel casa com a minha filha?

DOM MIGUEL

Senhor Dom Diogo... Eu pensei, reflecti uma noite inteira em tudo quanto me disse, e estou decidido a casar-me. Empenhei n'este amor os meus affectos de homem e a minha honra de fidalgo. Bem vê. Não tenho outro caminho a seguir.

DOM DIOGO, *depois de ter medido d'alto a baixo Dom Miguel, como uma creatura que para elle morreu*

Arcebispo! Espero-o na capella. *(A Dom Miguel)* Case... Case... Dou-lhe a minha filha, e com ella, o direito de a matar.—Deus sabe que fiz quanto pude para salval-a, para a conservar a meu lado, pura de toda a mácula, como um luminoso resgate da impureza das outras... Mas não... *(caminhando para o fundo)* A dôr d'esta familia ha de ser eterna. Acabará com o mundo. Sigam o seu destino!—Espero-o na ca-

pella, Arcebispo . . —Já não tenho filha! *(sahindo, n'um soluço)* Como a obra de Deus é imperfeita! Como a obra de Deus é imperfeita!

ARCEBISPO, *dando uns passos em seguimento do velho, commovidamente, chamando*

Dom Diogo! Dom Diogo! *(suspendendo, e voltando a assentar-se n'uma cadeira, emquanto Dom Miguel se conserva junto da mesa, a cabeça entre as mãos)* Pobre velho!

DOM MIGUEL

Pensei n'isto toda a noite . . Levei a em claro. . . Parece que sentia ainda os sinos nos ouvidos . . *(erguendo a cabeça)* Mas diga-me, senhor Arcebispo. . . Como foi possivel ter-se praticado um crime d'assassinio n'esta casa, sem a intervenção da justiça?

ARCEBISPO

A justiça não soube d'esse crime. Houve alguem que o encobriu com a sua auctoridade de padre. Alguem, que dará contas d'isso a Deus.

DOM MIGUEL, *olhando o Arcebispo, timidamente*

O senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Eu. Fui eu. — Perante a lei, sou um cumplice. Mas ha alguma coisa que deve ser superior aos codigos e ás leis... É a piedade humana. Havia n'esta casa uma creança... a rir n'um berço... Uma pobre creança que não tinha culpa dos crimes dos paes... Era preciso salval-a de mais uma infamia. Foi a Condada, e o pae d'este cégo, do Christovam, que me ajudaram. Faltava alguem, que se prestasse a passar uma certidão d'obito. Veio um cirurgião, Antonio de Quevêdo. Morreu pouco depois. Parece que o estou a vêr... Um velho de sobrecasaca de briche, a barba rala, uma caixa d'oiro entre os dedos... Que sinistra comedia! Depois, o segredo, o remorso... A primeira missa que eu disse na capella, em seguida ao crime, não calculas, que horror! Diante de mim, no retábulo do altar, havia uma grande pintura do Juizo Final. Creaturas sombrias, implorando, os braços crispados, erguidos para a luz... Eu não podia despregar os olhos d'ellas... Ia levantar a hostia a Deus, e parecia-me tambem que as minhas mãos estavam tintas de sangue... E todas

aquellas figuras se soltavam da tela, e surgiam, e tomavam vulto, e começavam a envolver-me, n'uma ronda infernal, a arrepelar-me a casula com as mãos descarnadas... A hostia rolou-me sobre o altar, achei-me indigno de officiar a Deus, e cahi de joelhos, n'uma supplica, transido de pavôr, como se o assassino tivesse sido eu... — Misericordia! Misericordia!

CONDADA, *assomando pela esquerda, e chamando, baixinho*

Christovam .. *(Vendo o Arcebispo)* Ah! senhor Arcebispo...

ARCEBISPO, *erguendo a cabeça*

Condada... *(Para Dom Miguel, como querendo afastar recordações dolorosas)* Mas tudo isto passou. Resta-me dar contas a Deus. — Olha, Condada... Vae dizer á Dôres que eu quero falar-lhe. — *(A Dom Miguel)* Tu espéras-me nos meus Paços, Miguel. Tens lá em baixo a sége. Mette-te n'ella e vae. Depois manda-m'a outra vez. — Eu já lá vou tambem. *(reflectindo)* Não .. Já, não. Passo ainda pela Sé.

DOM MIGUEL, *erguendo-se*

Pela Sé?

ARCEBISPO

Ha Lausperenne. Mas sigo logo para os Paços.

DOM MIGUEL

A minha vida fica nas suas mãos, senhor Arcebispo. Agora, que já não temos a opposição do senhor Dom Diogo, parece que está tudo resolvido... Não é verdade?

ARCEBISPO, *emquanto Dom Miguel, lhe beija o annel*

Vae, vae descançado, meu rapaz. — Creanças! Creanças!

Dom Miguel sae pelo fundo.

ARCEBISPO, *que fica, sobre o escáno, n'uma attitude de reflexão*

É bem certo que o amor é mais forte do que a morte... *(Vendo surgir a figura pallida de Dôres)* Dôres!

DÔRES

Senhor Arcebispo...

ARCEBISPO, *indo-lhe ao encontro*

Minha filha... Então? Como estás tu, meu amor?

DÔRES

Tranquilla, senhor Arcebispo. Tranquilla.

ARCEBISPO, *tomando-lhe as mãos e encarando-a*

As mãos frias... E tão pallida! Dôres... Olha para mim... Que tens tu?

DÔRES

Nada... Extranheza de mim mesma... Nem eu sei... Parece, senhor Arcebispo, que um mundo de coisas morreu na minha alma e outro mundo de coisas surgiu... Só desde hontem sei quem sou, o que tenho a esperar n'este mundo, o caminho que devo seguir...

ARCEBISPO, *acariciando-a*

Será o caminho da felicidade...

DÔRES

Talvez o caminho da paz...

ARCEBISPO

É preciso coragem, minha filha. Basta nascer para soffrer. Ha coisas irremediaveis... Foi triste o passado... Se foi! Profundamente triste... Mas o que é o passado senão uma sombra? Cinza... Devemos olhar para o futuro... E o futuro, na tua edade, com a mocidade que ainda te resta, é uma linda janella d'oiro, onde te podes debruçar... *(Como quem olha, ao largo)* Vê... Além... São os campos da vida... Lá ao fundo, muito longe, uma névoa .. Ninguem sabe onde terminam... Ninguem! E perto, aos teus pés, debaixo dos teus olhos... Vê... Tudo rosas a abrir, que o sol não crestou ainda... *(Acariciando-a)* Dôres... Minha filha... Encosta a tua cabeça ao meu hombro... Deus quér que tu sejas feliz...

DÔRES

Não é só o corpo que morre, senhor Arcebispo... Ah, como eu tenho procurado, cheia de saudade, aquella alma que vivia em mim, e que desappareceu!

ARCEBISPO, *tomando nas mãos uns cravos que ainda estão sobre a mesa*

Olha... Afinal, tu nunca puzeste ao peito os cravos que eu te dei... E lembras-te? Lem-

bras-te ainda do que eu te disse? Cravo rôxo no teu peito é signal de casamento... Toma... *(A Dôres conserva-se impassivel)* Pois tu não vês como eu estou contente? Não adivinhaste, Dôres? Não adivinhaste?

DÔRES

O quê, senhor Arcebispo?

ARCEBISPO

Dom Miguel, que sahiu agora d'aqui... Veio pedir-me... *(Rindo, para ella)* Pois não adivinhaste ainda? — Pedir-me para ser eu a casal-os.. Ouves? A unir-te a elle perante Deus...

DÔRES, *erguendo-se*

Senhor Arcebispo!

ARCEBISPO

Pois tu não lhe quéres tanto?

Começam a ouvir-se sinos, ao longe

DÔRES

Eu?

ARCEBISPO

Coitado... Vinha hoje responder á pergunta que lhe fizeste... Hontem, era impossivel... Aquella perturbação... Aquelle pavor... Comprehendes...

DÔRES

Bem se vê que o senhor Arcebispo nunca amou! — Peço-lhe... Em nome da affeição que me tem... Não me diga nenhuma palavra mais que me recorde... Péço-lhe... Tudo terminou. Tudo morreu.

ARCEBISPO

Se elle acabou de me confessar, com as lagrimas nos olhos, que te quér agora mais do que nunca...

DÔRES, *n'uma grande expressão de dignidade*

E pensa o senhor Arcebispo que eu poderia unir-me a um homem que duvidou de mim um momento? A um homem que me julgou, por um instante só que fosse, indigna de ser sua mulher? — Ah, não, não, senhor Arcebispo... Onde houve uma duvida, já não ha amor... Se Dom Miguel veio aqui, foi porque o dever o

trouxe... Mas eu sou muito nobre, muito desgraçada e muito orgulhosa, para acceitar esmolas de alguem...

ARCEBISPO

Mas tu és injusta, Dôres!

DÔRES

Só as acceitarei de si, senhor Arcebispo... Se eu decidir viver, léve-me d'estes Paços... Eu sinto que não posso tornar a vêr meu pae sem repulsão e sem horror...

ARCEBISPO

Mas, filha... E o que hei de dizer ao Dom Miguel? Que hei de eu dizer-lhe...? Pois tu não comprehendes que elle soffre?

DÔRES, *dolorosamente*

Diga-lhe, senhor Arcebispo, que eu sou uma creatura gerada no impudor e na mentira... Que não nasci para amar nem para ser amada... Que para mim só ha um destino coherente... É o destino de minha mãe!

CHRISTOVAM, *assomando, a tactear, n'uma voz dolorosa*

Senhor Arcebispo! Senhor Arcebispo!

ARCEBISPO

Christovam!

CHRISTOVAM

Se chegasse lá baixo ao senhor Dom Diogo... Estava ao pé de mim... De repente, senti-o soluçar... Chamei-o, não respondeu... Tacteei pela capella, a vêr se dava com elle... Mas na minha escuridão, esbarrei com os altares, com as imagens, até que o encontrei cahido, a chorar, junto ás escadas do pulpito...

ARCEBISPO, *comprehendendo, e escutando os sinos que ainda se ouvem*

Os sinos!

DÔRES

Não o deixe só, senhor Arcebispo... É meu pae.

ARCEBISPO

Os sinos! Foram os sinos, que elle ouviu... Ha Lausperenne, lá fóra! Como ha trinta annos! Deus queira que esta noite não seja tambem fatidica!

Sae pelo fundo.

DÔRES

Meu pae ainda póde chorar... Eu, já não!

CHRISTOVAM, *tacteando, á busca de Dôres*

Dôres ..

DÔRES, *indo-lhe ao encontro*

Christovam...

CHRISTOVAM

Perdôe. Esperava-a, quando chegou o senhor Arcebispo. Depois, desci para a capella...

DÔRES, *tranquillamente*

Oiça, Christovam... Eu tenho de abandonar esta casa, hoje, ámanhã, por estes dias, viva

ou morta... Sou uma existencia condemnada. Como é de crêr que não possa acompanhar-me, Christovam, quero despedir-me de si...

CHRISTOVAM, *extranhando*

Condemnada...? E o seu casamento, Dôres?

DÔRES

Já se não faz.

CHRISTOVAM, *com alegria mal disfarçada*

Não...?—Mas condemnada, porquê?

DÔRES

Accusam-me do crime de ter nascido... Preciso do seu conselho de irmão e de padre. Só os grandes desgraçados podem comprehender-se...

CHRISTOVAM

Bemdita desgraça a minha, se podér ser conforto á sua...

DÔRES

Soube hontem, Christovam, toda a historia d'estes Paços e d'esta familia...

CHRISTOVAM, *n'uma visagem de espanto*

Dôres! Pois soube...? Soube?

DÔRES

Tudo. Entrei eu mesmo n'aquellas salas velhas e deshabitadas... Ouvi tudo... *(Os olhos fixos, a face immovel)* Tocavam os sinos, lá fóra, n'uma noite assim, quando mataram minha mãe...

CHRISTOVAM

Então, hontem, — era bem certo Dôres! — era o sol que entrava...

DÔRES, *dolorosamente*

A certeza que entrava na minha alma...

CHRISTOVAM

Tambem eu sei tudo... Ha doze annos, Dôres... Contou-m'o meu pae, na hora da morte... A cara pallida, um suór d'agonia, uma vella accesa nas mãos... Contou-me tudo... A abominação d'esta familia... A fata-

lidade que pésa sobre as donatarias de Veiros... E eu ouvia, a tremer, n'uma agonia ainda maior do que a d'elle, e resava baixinho: *Miserere mei Domine... Miserere mei Domine...*

DÔRES

Então, se nada é segredo para si, Christovam... Diga-me, pelo amor de Deus... Guie a minha alma... Pois é justo que eu soffra por crimes que não commetti? Que expie culpas que fôram dos outros? Isto é justo? Isto é humano?

CHRISTOVAM

É a vontade de Deus. Se Deus não o achasse justo, não prolongaria nos filhos as doenças dos paes. Por que estou eu cégo? Por que herdei a enfermidade de meu pae, sem ter contribuido para ella. Deus assim o quiz. Se o não quizésse, Dôres, não me teria roubado a luz dos olhos...

DÔRES, *n'uma suprema expressão de ruina moral*

Por conseguinte, não vale a pena viver?

CHRISTOVAM

Para quê?

DÔRES

Por mais pura que eu seja, ha de pesar sempre sobre mim a sombra d'uma impuresa?

CHRISTOVAM

Sempre.

DÔRES

Sou, portanto, uma creatura perdida...

CHRISTOVAM

Uma creatura ganha... Para o sacrificio!

DÔRES

Podia ir gritar a todo o mundo: sou honesta, sou digna, sou incapaz de atraiçoar! — e ninguem me acreditaria...

CHRISTOVAM

Ninguem.

DÔRES

Ah, Christovam... Comprehendo agora a justiça da lei que me condémna... Ha creaturas que resuscitam... Eu ia jurar que sinto n'este momento, dentro de mim, a alma angustiada de Dom Frei Antonio de Jesus...—Tambem a elle o não acreditaram!

CHRISTOVAM

Quem me diria que tão semelhantes haviam de ser os nossos destinos... Soffrer, por culpa dos outros!

DÔRES

Vamos separar-nos, Christovam... E entretanto, nós eramos n'este mundo as unicas creaturas capazes de se comprehenderem...

CHRISTOVAM, *amargamente*

Não... Nós nunca nos comprehendemos!

DÔRES

Porque diz isso?

CHRISTOVAM

Somos duas ruinas. Já não temos nada a esperar do mundo... Quem sabe o que ámanhã será feito de nós... Podemos falar agora, desassombradamente... *(Depois d'um momento)* A Dôres foi o unico amor da minha vida... Encheu a minha existencia inteira...!

DÔRES

Christovam!

CHRISTOVAM

E entretanto, nunca o suspeitou... Nunca me comprehendeu...

DÔRES

Lembre-se, Christovam, de que é padre!

CHRISTOVAM

Padre! Que vale isto, que vale esta samarra negra, perante a grandeza da dôr humana? Ámanhã separamo-nos. Posso dizer-lhe tudo. Eu fui padre, para lhe fugir... Suppuz que me resignava, que esquecerìa, depois de irremediavelmente preso a Deus, e que na minha alma deshabitada ficaria apenas uma saudade, como n'aquellas capellas doiradas, muito antigas, d'onde as imagens desappareceram... Ia cura para alguma aldeia... Podia fugir-lhe... Mas veio a cegueira... E toda a minha vida se inutilisou... Fiquei outra vez preso a estes Paços, á esmola de seu pae, a sentil-a, a adivinhal-a junto de mim... Foi um supplicio... Julguei que a cegueira me fôra dada por Deus para eu a não vêr, Dôres... Mas, Senhor de misericordia! Quanto mais cégo estava, mais a via!

DÔRES

Christovam! Se a minha agonia era já tão grande, para que a veio augmentar!

CHRISTOVAM

E a Dôres nem o suspeitou... E entretanto, como os nossos destinos são semelhantes! A si,

ninguem a acreditará... Ninguem me dará a mim a luz dos olhos...

DÔRES, *recitando, emquanto o cégo, prostrado, tem a cabeça entre as mãos*

«O santo frade, escreveu nas paredes de sua cella: Morro, meu Deus, porque me não acreditaram... E, debaixo dos seus pés abriam rosas...» *(Dolorosamente)* Ninguem me acreditará! *(depois d'um momento, em que percorre o cordão do habito com os dedos, n'uma expressão de horror)* Christovam... Peço-lhe... Desça á capella, e léve a meu pae este livro... *(a um gesto do cégo)* Espére... A capa é de pergaminho... Posso escrever duas palavras... *(escreve, sobre a capa de pergaminho do livro de Frei Fernão da Soledade, que ainda está sobre a mesa)* Morro... porque não me acreditaram... *(pousando a penna)* Prompto. Faça-me esta ultima vontade, Christovam...

CHRISTOVAM, *extranhando*

A sua ultima vontade?

DÔRES, *imperturbavel*

Sim... Vamos separar-nos... Não tornarei a pedir-lhe mais nada ... *(sahindo, o cordão do habito entre os dedos)*—Desça devagarinho...

CHRISTOVAM

Só eu não socégo nunca... E para mim é sempre noite! *(falando como se a Dôres ainda ali estivesse)* Mas é extraordinario! Para que quér a Dôres que eu léve este livro a seu pae? Se é para me afastar, bem vê... Tinha sido mais simples e mais caridoso dizer-m'o francamente... Pesaram-lhe as minhas lagrimas... Mas, não percebo... Que palavras escreveu aqui? Diga-me... *(n'uma agitação crescente)* Não responde? Não me ouve? *(levantando se e tacteando, n'uma voz dolorosa)* Dôres! Dôres! Onde está? Dôres! Ai, Deus de piedade! Presinto uma grande desgraça! Dôres! Dôres! *(cheio de pavor, os braços abertos, tropeçando nos moveis)* Acudam!—Dôres!—Senhor Arcebispo! Acudam!

ARCEBISPO, *entrando pela direita*

Que foi? Christovam!

CHRISTOVAM, *quasi sem poder falar, transido*

A Dôres! A Dôres!

ARCEBISPO, *sahindo, pela esquerda, seguido da Condada que assoma ao fundo*

Dôres! Condada! Mas que é isto?

DOM DIOGO, *que surge pela esquerda, curvado, quasi arrastando-se*

Christovam!

ARCEBISPO, *gritando, de dentro*

Ah! Morta! Morta!

CHRISTOVAM, *n'um grito*

Morta!

DOM DIOGO, *desdobrando a sua enorme figura curvada, n'um gesto de grandeza tragica*

Minha filha! Morta? Mas quem diz ahi que minha filha está morta? *(atirando-se de encontro á porta da esquerda)* Arcebispo! Arcebispo!

ARCEBISPO, *recebendo-o nos braços*

Estrangulada! No cordão do habito!—Filha da minha alma!

DOM DIOGO, *n'um rugido de féra, atravessando a scena, os braços erguidos, o corpo todo n'uma convulsão*

Ah!

CHRISTOVAM, *enclavinhando as mãos*

Subvenite, Sancti Dei... Occurrite, Angeli Domini...

ARCEBISPO

Como Frei Antonio de Jesus...

DOM DIOGO, *cahindo sobre o escâno, a tremer, a cabeça apertada nas mãos convulsas*

Malditos sinos! Malditos sinos! *(n'uma expressão de loucura, a face quasi contrahida n'um sorriso, os olhos vagos)* Mas extinguiu-se a familia, Arcebispo! Extinguiu-se a familia!

CAE O PANNO